



UM ARDIL

Júlio César Castilho Razera¹

Saulo tentava seduzi-la, mas Carmem continuava indiferente. Parecia meio distante.

Ambos acabavam de cruzar o portão principal do Parque Vitória, também conhecido como bosque da solidão, um dos poucos locais mais preservados da cidade. Parecia, então, o local adequado para uma conquista amorosa. E talvez Saulo soubesse, fosse proposital que se encaminhassem para lá. Não importava o estigma da solidão; pensava em quebrá-lo, iria quebrá-lo. Se dependesse dele, o bosque teria, dali para frente, uma outra marca. Nesse momento de tantos pensamentos e já com o portão às costas, ainda passou rapidamente pela cabeça de Saulo o contra-senso que imputavam ao atraente bosque. Solidão? Seria ironia? Não deu importância. Tinha o seu plano.

*

O outono pintava o chão de dourado. E o sol, inclinado pela tarde, a esticar as sombras das árvores, completava a bela paisagem do parque. Um contraste com a imagem de abandono e destruição vivida por aquela pequena província.

O caos da guerra civil havia pouco tempo terminado e o local tentava se reerguer. O ecoar dos canhões e das rajadas de armas pesadas já era passado, mas com certeza Saulo ainda reviveria muitas vezes esse pesadelo na memória.

Na memória e na perna ferida. Pelo menos não sentia dor. Batia firme o pé no chão e, após alguns passos, sistematicamente chutava porções de folhas secas que ficavam no seu caminho. Tentava algo mais em seus gestos de verificação fisiológica: atrair a atenção da bela Carmem. Queria dizer que a amava sem o uso de palavras. Fazia pequenos gracejos, espremia folhas com os dedos, rodeava para lá e para cá. Por um momento súbito, sentou-se e estirou-se para trás com as duas mãos à nuca. Cantarolava e assobiava uma velha canção militar para ela.

Carmem, então, percebeu o intento. Sentada próxima a Saulo, com os joelhos na ponta de seu queixo e as mãos a segurar os cabelos, escondia um leve e maroto sorriso. Estava sendo cortejada e gostava disso. No entanto, um ar de arrependimento pairava em seus pensamentos, pois não o conhecia muito bem, apenas por curto tempo em que estiveram juntos no hospital. Ela era enfermeira voluntária. Ele, ferido de guerra. Uma relação de solidariedade, simpatia e

¹ Doutorando em Educação para a Ciência (UNESP). Professor do Departamento de Ciências Biológicas, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Jequié, BA. E-mail: juliorazera@uesb.br.



carinho que se mostrava inclinar para um outro lado mais perigoso.

*

Era a primeira vez que saíam juntos. E ela ainda pensava o porquê de ter concordado. Seria correto? Vinha de grande desilusão, cujas feridas permaneciam abertas e com muitos custos para cicatrizar. Entretanto, lá estava ela com Saulo. Um quase estranho ao seu lado. De repente, não pensou mais nada, pois estavam se beijando. Duas sombras bem longas que se confundiam, agora, numa só entre inquietas folhas rastejantes.

Não muito distante dali, uma terceira sombra confundia-se com a do arvoredo próximo. De face sisuda, parecia observar muito mais que o belo entardecer. Não demora, não quer perder tempo. Leva o cigarro à boca e serenamente caminha em linha oposta a dos amantes. Tão despercebidamente como fora a sua chegada. O estigma do bosque parecia rompido.

*

Talvez cinco, dez, ou quinze minutos. Ou mais. O tempo continuava o seu eterno passeio. Saulo e Carmem não percebiam, estavam em silêncio profundo, trocando olhares perdidos.

O sol já havia saído da cena, deixando momentaneamente um enorme rastro de carmim no céu recém-anoitecido. A brisa, transformando-se em vento frio, feliz com o encanto de sua metamorfose, também fez o seu papel de cúmplice na trama, pois os dois saíram de maneira diferente de como chegaram: abraçados e ambos protegidos pela casaca de Saulo. Carmem não perdera a incerteza. Enquanto isso, Saulo pensava mais uma vez no bosque que deixava para trás. Achava-o fascinante, belo e, ao mesmo tempo, estranho. Uma estranheza que também o tomava.

*

Depois desse dia, nunca mais voltaram a se encontrar. Um bilhete de Saulo, no dia seguinte ao bosque, trazia em tom de desculpas e evasivas o seu novo destino bem longe dali. Fora embarcado com urgência para outra missão militar.

Carmem leu, releu, olhou para o horizonte na direção do parque, mas não esboçou reação. Não chorou. O mensageiro uniformizado já ia longe quando lentamente fechou a porta da sala que dava para a rua. Virou-se e, com o bilhete ainda em mãos, foi atender ao telefone que não parava de tocar. Ela sabia quem era. Sabia o que tinha acontecido. Um plano bem executado.